

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA
ESPECIALIZAÇÃO EM MEDICINA DO TRABALHO

ROSANE MOREIRA DA SILVA

**A PERCEPÇÃO DE RISCO COMO FATOR PARA O EVENTO ACIDENTE DE
TRABALHO**

CURITIBA

2012

ROSANE MOREIRA DA SILVA

**A PERCEPÇÃO DE RISCO COMO FATOR PARA O EVENTO ACIDENTE DE
TRABALHO**

**Artigo apresentado a Especialização
em Medicina do Trabalho, do
Departamento de Saúde Comunitária da
Universidade Federal do Paraná, como
requisito parcial à conclusão do Curso.**

Orientador(a): João Carlos A. Lozovey

CURITIBA

2012

A Percepção do Risco como fator para o evento Acidente de Trabalho

SILVA, R.M.

Programa de Pós Graduação em Medicina do Trabalho, UFPR.

Aluna de Pós Graduação.

Departamento de Saúde Comunitária.

RESUMO

Objetivo - A percepção do risco é fator importante de prevenção dos acidentes de trabalho. O objetivo do presente estudo foi demonstrar a relação entre a percepção do risco de trabalhadores de dois consórcios formados por empresas que atuam no setor de montagem eletromecânica em uma indústria do refino de Petróleo e a ocorrência de acidentes de trabalho;

Métodos - Revisão bibliográfica e questionário sobre Percepção de Risco. Este desenvolvido a partir da análise de formulários próprios das empreiteiras que são utilizados nos treinamentos, análises de riscos e investigação de acidentes.

Resultados – Participaram da pesquisa 261 trabalhadores. 92 % responderam satisfatoriamente às perguntas. O total de mulheres foi 14 (5,36%), com idade média de 36 anos. O número de homens foi 247 (94,63%), com idade média de 33 anos. Em relação à conduta frente à existência do risco, após algum tempo na atividade dentro do site, 78% relataram que estão sempre alertas, 15% relataram que às vezes esquecem e 3% só lembram quando ocorre algum incidente.

Conclusões – Positivamente, a percepção do risco a que o trabalhador está exposto no ambiente em que executa sua função, quando praticada está associada a baixos índices de acidentes e é fundamental que exista um processo de educação em reconhecer os perigos que cercam o trabalhador por iniciativa do empregador.

Palavras-chave: Percepção de risco. Acidente de trabalho.

INTRODUÇÃO

A forma com que as pessoas percebem os perigos do seu cotidiano varia consideravelmente de superestimá-los a subestimá-los, principalmente se as tarefas executadas forem tão repetitivas que acabam por se tornarem automáticas. Isso pode ser percebido, por exemplo, no ato de dirigir um veículo ou do trajeto que é feito de casa para o trabalho. Tudo ao redor envolve algum percentual de risco, o que fará diferença entre a estatística e o fato real é como o indivíduo percebe o que está a sua volta e que pode provocar algum dano, além da atitude que ele irá tomar em relação a isso.

Essa percepção é importante no ambiente de trabalho e torna-se fundamental se esse local é um canteiro de obras para a expansão de uma refinaria de petróleo em pleno funcionamento. A ação de cercar o trabalhador com cuidados como equipamentos de segurança, treinamentos e qualificação não é suficiente para eliminar o risco de dano, mesmo se considerarmos a experiência profissional¹. Todas essas medidas, no entanto, podem atuar como fator protetor na prevenção de acidentes e beneficiar o entendimento da percepção do risco.

A forma de perceber o risco é influenciada por diversos fatores, como éticos, técnicos, cognitivos entre outros². Entretanto, todos podem ser suprimidos se o indivíduo não acredita que o perigo possa atingi-lo³. Nesse ponto é que uma ferramenta de percepção pode atuar na prevenção dos acidentes de trabalho.

Atualmente, as grandes empresas, principalmente as que se submetem às certificações dos Sistemas de Gestão, utilizam ferramentas próprias para integrar o trabalhador ao ambiente de trabalho, além de lançar mão de métodos para análise dos eventos indesejados, como desvios, incidentes e acidentes, para chegar à causa básica. Todo esse fluxo obedece ao que mundialmente é conhecido como Gerenciamento do Risco (*Risk Management*). Antes de iniciar os trabalhos a equipe de Segurança e Saúde Ocupacional identificam os riscos, desenvolvem os programas de prevenção, realizam os laudos técnicos dos riscos presentes e antes de adentrarem o site de obra, os trabalhadores recebem qualificação para identificar os perigos presentes no ambiente laboral, além de equipamentos de segurança, direito de recusa (para atividades que julgarem perigosas ou se estão inseguros para a execução) e exames ocupacionais para aptidão. Após ser empossado na função, o colaborador participa de reuniões diárias antes de iniciar as atividades, para discutir os riscos da tarefa a ser executada e qual deve ser a conduta frente a eles. Infelizmente, mesmo vivenciando o Gerenciamento do Risco, os registros de Acidentes de Trabalho continuam altos no Brasil.

Nesse contexto, a análise da visão do trabalhador em relação ao ambiente que o cerca torna-se imprescindível, pois fornecerá subsídios para a construção de novas ferramentas que associadas as já disponíveis poderão, além de reduzir o número de acidentes, minimizar danos quando esses eventos indesejáveis acontecerem.

MÉTODOS

Para o estudo Transversal proposto, foram utilizados revisão bibliográfica e questionário. Para análise estatística foram utilizados Excel e Epi Info.

A população estudada foi de trabalhadores que atuam no ramo de Montagem Eletromecânica, lotados em site industrial (indústria de refino de petróleo) no município de Araucária – PR.

Inicialmente, objetivou-se uma amostra de 500 colaboradores, mas esse valor não foi atingido devido às reduções de contingente que seguem o cronograma das obras.

O questionário foi desenvolvido a partir dos conteúdos dos treinamentos ministrados no processo admissional e de adaptação ao ambiente laboral, além de considerar outras variáveis que possibilitam traçar o perfil desses colaboradores, como idade, sexo, estado civil, escolaridade, função e tempo de experiência em obras, além de questões abertas, para identificar os colaboradores com dificuldades para responder às perguntas. O questionário previu a não identificação do trabalhador. Aos que haviam sofrido acidente de trabalho, foram aplicadas mais duas perguntas a respeito do ocorrido.

Para a aplicação, a pesquisadora ministrou palestra informativa, em cada consórcio, posteriormente, participou dos Diálogos Diários de Segurança (DDS) – reuniões realizadas por equipes de trabalho (andaime, tubulação, solda, pintura, etc) com duração de 15 a 20 minutos, antes do início dos trabalhos com objetivo de discutir temas de segurança, meio ambiente e saúde, além das atividades que serão realizadas no dia – para fornecer explicação detalhada, leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aplicação do questionário, que ao final do preenchimento, foram recolhidos pela própria pesquisadora. Mesmo após o preenchimento do documento e assinatura do TCLE, o colaborador pode optar por não entregá-lo, caso sentisse algum constrangimento, o que não ocorreu em nenhum caso.

Em relação às siglas utilizadas no inquérito, todas são de conhecimento e uso diário dos trabalhadores, como DDS, EPI (Equipamento de Proteção Individual), SMS (Segurança, Meio Ambiente e Saúde), pois são temas discutidos desde o processo de admissão.

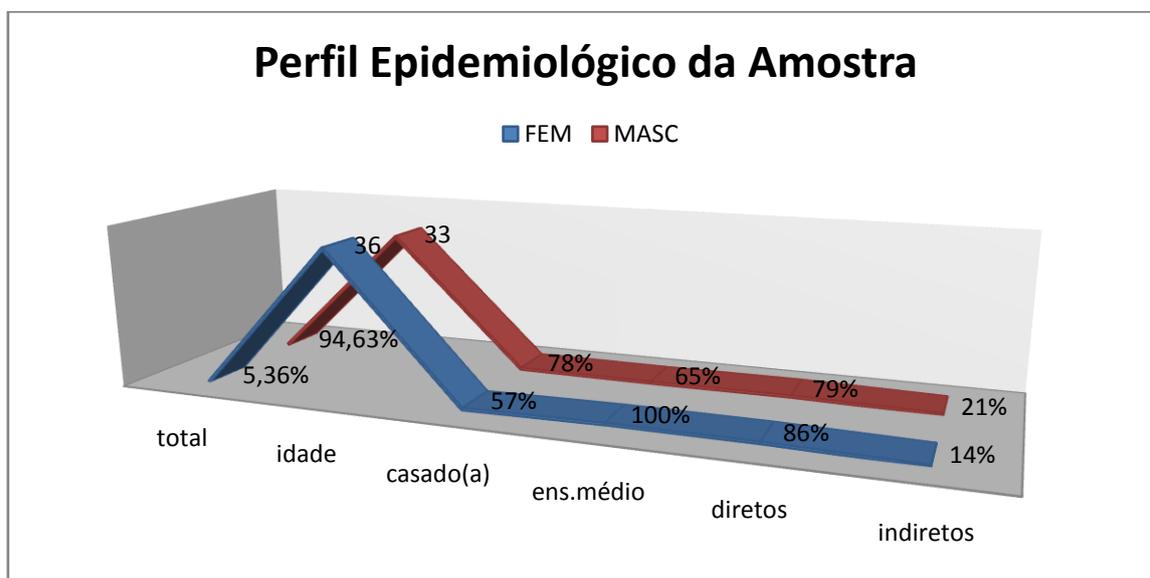
A execução da pesquisa foi feita no horário de trabalho do pesquisador e em cada empresa. Não houve necessidade de horário extra ou outros meios além daqueles utilizados no cotidiano da atividade laboral para execução da pesquisa em nenhuma de suas fases.

Não participaram do estudo os colaboradores não alfabetizados.

RESULTADOS

Perfil da Amostra

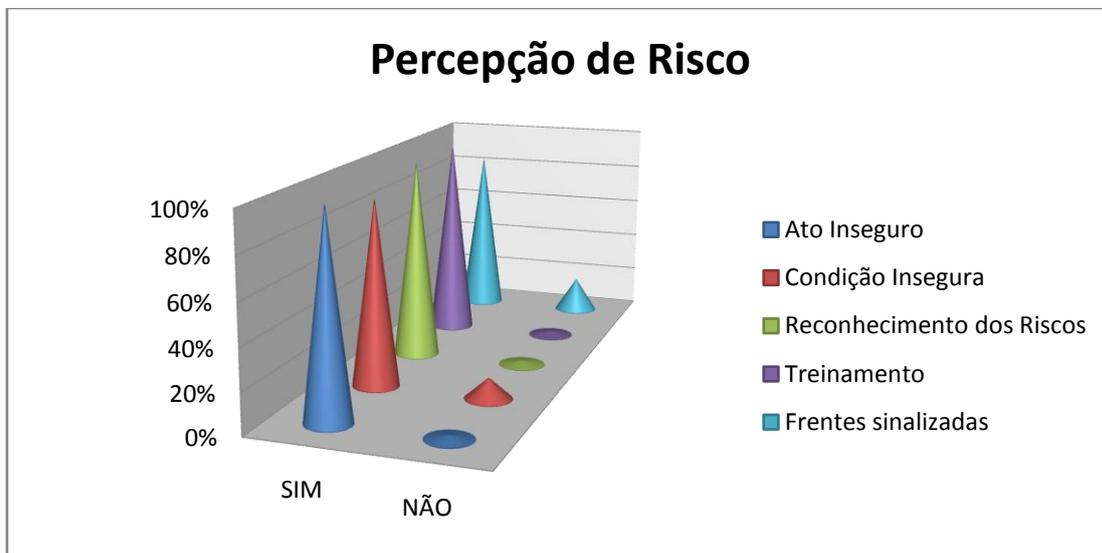
Participaram da pesquisa 261 trabalhadores. O total de mulheres foi 14 (5,36%), com idade média de 36 anos. 57% delas são casadas e 100% têm o ensino médio como escolaridade mínima. O número de homens foi 247 (94,63%), com idade média de 33 anos. 78% deles são casados e a escolaridade variou de ensino fundamental incompleto a superior, sendo o ensino médio o mais citado (65%). Em relação à função, 86% das mulheres desempenhavam funções administrativas (apenas duas são oficiais - pintoras) e 79% dos homens eram oficiais, ou seja, trabalhadores que atuavam diretamente nas frentes de trabalho, conforme representa o gráfico Perfil Epidemiológico da Amostra e que proporcionalmente representa a população dos Consórcios.



Percepção do Risco

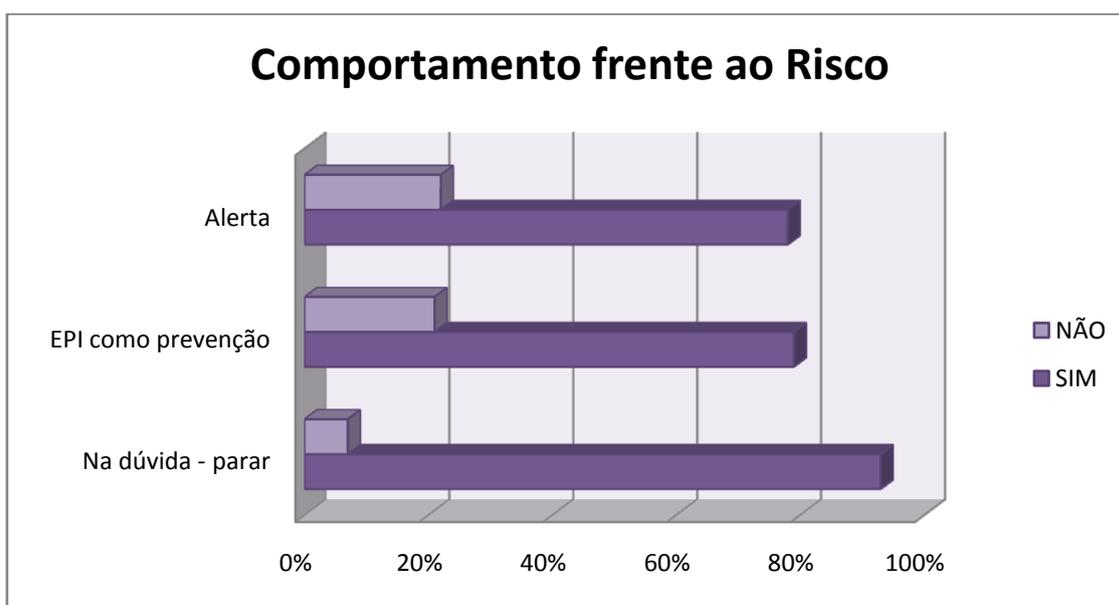
Em relação ao entendimento do risco, ilustrado no gráfico Percepção de Risco, 98% dos entrevistados declararam saber o que é ato inseguro e 90% condição insegura. A maioria dos trabalhadores (98%) consegue identificar os riscos da atividade que executam e afirmaram que receberam os treinamentos de integração (98%) - inerentes às atividades que cada um desempenhará no site, envolvendo questões de segurança, meio ambiente e saúde – destes, 92%

consideraram que os treinamentos ajudam a identificar os riscos das atividades propostas. Os colaboradores consideraram que não faltam orientações nas frentes de trabalho (83%) e que os DDS – Diálogos Diários de Segurança – úteis para identificar riscos existentes para cada função (93%).



Comportamento frente ao Risco

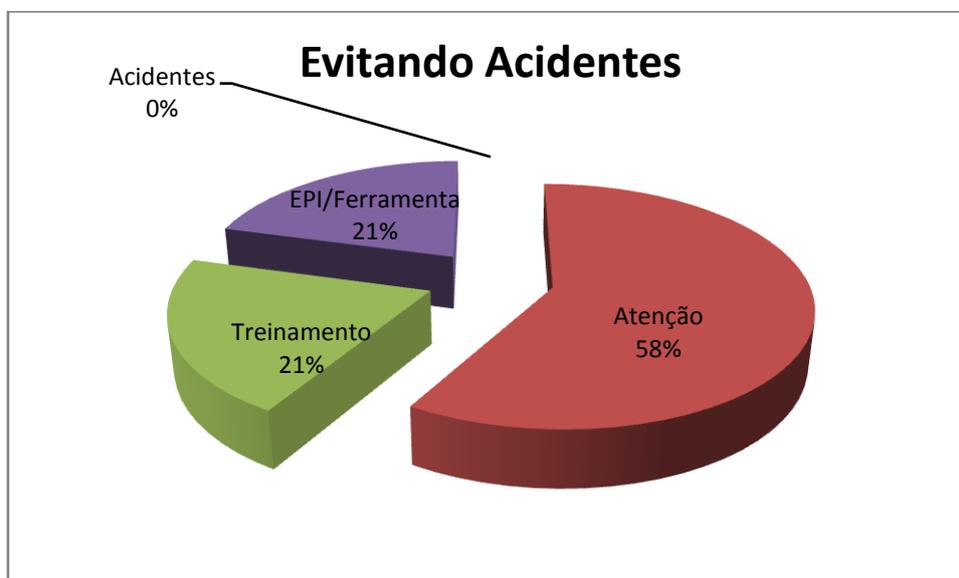
Em relação ao questionamento sobre a atitude frente ao risco, como ilustra o gráfico abaixo, o direito de recusa é exercido por 93% dos entrevistados na existência de dúvida. Foi identificado que 79% consideram os EPIS suficientes para prevenir acidentes. Em relação à conduta frente à existência do risco, após algum tempo na atividade dentro do site, 78% relataram que estão sempre alertas, 15% relataram que às vezes esquecem e 3% só lembram quando ocorre algum incidente.



Acidentes ocorridos – como poderiam ser evitados

O percentual de trabalhadores que responderam já ter sofrido acidente de trabalho foi de 9%. Destes, 100% fora do sexo masculino, a idade média foi de 34 anos, declararam-se casados 70% e 83% exerciam atividades ligadas diretamente às frentes de trabalho. Em relação à percepção e conduta frente ao risco, foram obtidas as seguintes respostas: 100% sabem o que é ato e condição insegura, sabem identificar os riscos das atividades que executam, relacionaram corretamente os EPIs necessários e fizeram os treinamentos de integração; 91% interrompem a atividade na existência de dúvida; 78% estão sempre alertas aos perigos após algum tempo trabalhando no site e declararam que não faltam informações nas frentes de trabalho; 70% consideram que os EPIs são suficientes para proteger de acidentes.

Ao questionamento sobre o que poderia ser feito para evitar o acidente sofrido, como mostra o gráfico abaixo: Evitando Acidentes, 48% responderam que faltou atenção na execução da tarefa, 17% responderam que deveriam ter estudado melhor a maneira de executar o trabalho antes de iniciá-lo e para outros 17% faltou adequar a ferramenta de trabalho à atividade. Apenas um colaborador relatou que não houve avaliação psicológica para realização do trabalho.



DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo traçar uma relação entre a percepção do risco dos trabalhadores de dois consórcios que atuam no ramo de expansão de grandes plantas industriais. Para que possam participar dessas obras, as empresas necessitam demonstrar que são comprometidas com Saúde

Ocupacional e apresentar o modo com que tratam do tema. Toda a força de trabalho selecionada para atuar nesses sites é sabatinada periodicamente com uma série de treinamentos que variam do introdutório (noções básicas de Segurança, Meio Ambiente e Saúde) aos específicos para cada função. Após algum tempo os treinamentos têm sua eficácia avaliada por amostragem e caso o resultado não seja satisfatório, os trabalhadores são retreinados.

Diariamente, antes de iniciar as atividades, os colaboradores de cada equipe ou frente participam dos DDS (diálogos diários de seguranças), reuniões com duração de 15 minutos e se prestam para analisar qual a melhor maneira de executar o trabalho com segurança, e registram através de lista de presença.

Cada frente de trabalho recebe a atenção das figuras do Mestre e Encarregado, além do Técnico de Segurança do Trabalho para que a atividade possa transcorrer bem e em segurança. Na presença de qualquer desvio, há paralisação da atividade para correção. Periodicamente são realizadas auditorias que avaliam a percepção que os colaboradores têm do risco que os cercam.

Toda essa dinâmica de preparação do indivíduo para perceber o risco serviu de subsídio para o desenvolvimento do questionário, que objetivou verificar a compreensão do risco por parte dos trabalhadores.

Os resultados, além de traçar o perfil epidemiológico e sociocultural dessa população, demonstram que o acultramento em relação ao risco foi atingido. Os altos índices de respostas positivas direcionadas ao entendimento do ambiente de trabalho podem explicar o baixo percentual de acidentes de trabalho. Outro fator adjuvante é o apoio dos líderes e profissionais de segurança nas frentes de trabalho. O fato de ser uma população jovem (média de idade entre 33 e 36 anos) e com escolaridade média, também pode ter contribuído para essa redução.

Aparentemente, essas empresas estão acertando na forma de educar e sinalizar as frentes de trabalho, já que mais de 80% dos trabalhadores relataram que não faltam orientações nos locais onde executam as atividades e interrompem o trabalho em caso de dúvida.

Duas informações chamam a atenção: a primeira, 15% dos trabalhadores se esquecerem dos riscos à volta, segundo 79% consideram que os EPIs são suficientes para prevenir acidentes. Esses dados sinalizam para que condutas de aperfeiçoamento sejam tomadas, por se tratar de risco ao bem estar dos trabalhadores e associar o uso do EPI a acidentes zero. O Equipamento de proteção é apenas uma etapa do processo de prevenção de acidentes.

Apenas 9% dos colaboradores relataram já ter sido vítima de acidente de trabalho, que não ocorreram necessariamente ao trabalho atual. Analisando as

resposta, nota-se que também há o entendimento do risco e o que fazer para prevenir o evento e, apesar das respostas do item preocupação com o risco após algum tempo na atividade, atribuíram a falta de atenção ao principal fator para ocorrência de incidentes.

De maneira positiva, a percepção do risco a que o trabalhador está exposto no ambiente em que executa sua função, está associada a baixos índices de acidentes e é fundamental que exista um processo de educação em reconhecer os perigos que cercam o trabalhador por iniciativa do empregador.

Na revisão bibliográfica, não foi encontrado estudo que relacionasse diretamente a percepção do risco e a ocorrência de acidentes de trabalho. Porém, os resultados obtidos, indiretamente mencionam a atenção e a rotina como fator para a ocorrência desses eventos.

REFERÊNCIAS

1. VILELA, G.; MENDES, R.W.M.; GONÇALVES, C.A.H. **Acidente do trabalho investigado pelo CEREST Piracicaba: Confrontando a abordagem tradicional da Segurança do Trabalho.** Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, São Paulo, 32 (115): 29-40, 2007;
2. HOFFMANN, J.N.; CROWE, J.; POSTMA, J.; YBARRA, V.; KEIFER, M.C.; **Perceptions of Environmental and Occupational Health Hazards Among Agricultural Workers in Washington State.** National Institutes of Health – Public Access – AAOHN J. 2009 September: 57(9): 359-371. Doi: 10.3928/08910162-20090817-01;
3. RENN, O. **Risk analysis: Scope and Limitations. Regulation Industrial Risks – Science, Hazards and Public Protection.** London: Butterworths. p.p.111-127, 1985;
4. FREITAS, C.M.; SOUZA, C.A.V.; MACHADO, J.M.H.; PORTO, M.F.S.; **Acidentes de trabalho em plataformas de petróleo da Bacia de Campos, Rio de Janeiro, Brasil.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(1): 117-130, jan-fev, 2001;
5. BARROS, M.V.G.; NAHAS, M.K.; **Comportamento de risco, auto-avaliação do nível de saúde e percepção de estresse entre trabalhadores da indústria.** Rev. Saúde Pública 2001; 35 (6):554-63. www.fsp.usp.br/rsp;
6. BRASIL, Ministério da Previdência Social, Anuário Estatístico da Previdência Social, obtido em <http://www.previdenciasocial.gov.br>, acessado em 16 de Abril de 2012.